



**ANTONIO MENEGHETTI FACULDADE
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM ONTOPSICOLOGIA
TURMA 2019**

**COMO APRENDEMOS A NÓS MESMOS? A INFLUÊNCIA DO
ADULTO-MÃE E DAS PROFESSORAS DE ENSINO INFANTIL NO
PROCESSO DE APROPRIAÇÃO DO PRÓPRIO CORPO PELA
CRIANÇA**

Acadêmica: Márcia Cristiane Rambo

Orientadora: Profa. Dra. Fernanda Martins

RESUMO: Este artigo volta-se ao processo de apropriação do próprio corpo e o desenvolvimento da autonomia nos três primeiros anos de vida, buscando-se construir a compreensão de como este processo é influenciado pelo adulto-mãe: adulto de maior referência afetiva para a criança, e pelas suas professoras, bem como a importância do adulto preparado na relação com a criança. A pesquisa busca refletir sobre experiências práticas, sobretudo em sala de aula, através da revisão bibliográfica de algumas obras do Acad. Prof. Antonio Meneghetti, e de Maria Montessori. O adulto é o ponto de referência para a criança, faz papel de mediar a relação desta com o mundo, tendo como papel importante o de observador e facilitador da construção da autonomia da criança para o desenvolvimento do seu potencial de natureza, desde os primeiros anos de vida, que são a base para seu desenvolvimento.

Palavras-chave: Educação Infantil; Desenvolvimento Infantil; Adulto-mãe; Ontopsicologia; Autonomia da criança.

INTRODUÇÃO:

Este artigo tem como objetivo compreender o papel do Adulto Mãe e de professoras na relação com a criança, no que se refere ao modo como se estabelece a relação com o corpo na primeira infância e a apropriação deste pela criança, como professora de educação infantil, em grande parte em escola montessoriana, como em educação domiciliar e escolas do município de Santa Maria, acompanho no meu dia-a-dia crianças, pais e professores que vivenciam



este processo. Para isso, terá como objetivos específicos (a) identificar os fatores que configuram ou influenciam na díade entre Adulto-mãe e criança dos 0 aos 3 anos; (b) estudar a relação da criança e dos adultos com o corpo da criança e a manifestação dos instintos nos processos de desenvolvimento na primeira infância; (c) documentar ao longo do texto comportamentos e práticas indicadas para adultos que acompanham crianças nessa fase de desenvolvimento, para assim ilustrar qual é o papel do adulto mãe e professoras no processo de do desenvolvimento infantil na etapa dos 0 a 3 anos de idade.

Sabe-se que o adulto mãe tem um papel fundamental no desenvolvimento da criança, sendo o ponto de referência para tudo o que a criança aprende, fazendo o papel de mediação entre a criança e o seu contato com o mundo, em todos os aspectos. O que é aprendido pela criança nesta fase da vida é levado como modelo para tudo o que elas venham a desenvolver posteriormente. Trata-se da base, ou o alicerce, em que elas apoiam todo o seu desenvolvimento futuro e dá forma para os modos como lidarão com o mundo a partir de então.

Sou professora de educação infantil, trabalhei com crianças de 6 meses até 7 anos de idade, em maior tempo com crianças de 0 a 3 anos. Pude perceber diversas posturas, tanto das crianças quanto das famílias, com relação a como lidam com o próprio corpo, a forma como falam com as crianças, as tarefas que permitem que elas tentem fazer por si mesmas e as muitas vezes em que os adultos substituem as crianças em tarefas que elas têm condições de realizar sozinhas.

Refleti sobre o quanto isso impacta no meu trabalho enquanto pedagoga e no que percebo do desenvolvimento e da possibilidade de autonomia com relação a estas crianças. Posteriormente, comecei a pensar em como se deu este processo na minha vida, como a forma que os adultos lidaram comigo interferiu e interfere em como lido com diversas situações da minha vida, principalmente situações que envolvam minha autoconfiança.

Pensando nisso, faço essa pesquisa para facilitar meu trabalho em sala de aula, para contribuir, possivelmente, com os adultos em relação à forma como lidam com as crianças, e para, principalmente, conduzir as crianças no seu desenvolvimento de forma mais natural e tranquila, incentivando autonomia e autoconfiança nos processos de aprendizagem e de atuação da sua fala, da sua



alimentação, do vestir-se, do uso do banheiro, que são práticas e formas de comportamento que refletem em outras tomadas de decisão da vida.

No que se refere à metodologia de pesquisa, a abordagem será sobretudo dedutiva, partindo-se da teoria para analisar a realidade empírica, e indutiva, partindo-se das diversas observações experienciais da realidade, chegando a uma unidade teórica. A pesquisa será feita procedendo-se através de revisão bibliográfica, para a qual usar-se-á primeiramente a literatura produzida pelo Acad. Prof. Antonio Meneghetti, e também algumas obras de Maria Montessori. Esta bibliografia será utilizada para análise e reflexão acerca das experiências, sobretudo em sala de aula, as quais se dão como aplicação prática e analítica das teorias-base estudadas.

1. RELAÇÃO A DOIS: ADULTO-MÃE E CRIANÇA:

Quando uma mulher deseja a gravidez e essa acontece, traz consigo a esperança de vida, de alegria, de amor, e logo começa a fazer planos, pensar no nome, escolher a roupa, organizar um quarto, um espaço para a nova criança na vida da família. Assim também faz com a preparação dos adultos, estudando, lembrando como foi a sua infância e a sua educação, revisitando suas memórias para fazer da melhor forma possível a criação do seu filho.

Neste texto, busco realizar um ensaio sobre o conhecimento acerca deste tema produzido por Antonio Meneghetti, e o que preconiza Maria Montessori, que em seus escritos falam sobre a importância da preparação dos adultos e do ambiente para o desenvolvimento saudável da criança. Este trabalho enfatiza a relação do adulto mãe com a criança nos três primeiros anos de vida. Vou abordar as descobertas da Ontopsicologia, contando com a compreensão de Meneghetti sobre díade, temperamento, adulto preparado e autonomia da criança. Será ressaltada, então, a importância da postura psicológica do adulto para dar suporte ao desenvolvimento natural do potencial da criança. Ao longo do trabalho, apresentarei algumas diretivas para auxiliar as famílias ao lidar com crianças nesta faixa etária do desenvolvimento.



A criança se forma dentro da barriga da mãe e, no início, pode ser difícil, para quem olha de fora, distinguir o que é um e o que é o outro, porque quase fazem parte de um mesmo corpo. A criança não é totalmente um indivíduo, e ela existe porque existe o corpo da mãe, que a nutre, lhe dá calor e afeto. A palavra Díade, segundo o Dicionário de Ontopsicologia (MENEGETTI, 2012, p. 73) significa “[...] movimento a dois, no qual um movente não pode agir sem o coincidente heteromovente”, e é a partir de uma primeira díade que viemos à existência, em simbiose com outra pessoa, que nos dá as condições básicas para que continuemos a nos desenvolver e quem sabe, um dia, nos tornarmos um indivíduo autônomo, independente e realizado.

A vida é constante movimento, tudo na natureza se move e tende a crescer na relação com o outro e com o ambiente. A forma como esta relação se estabelece pode ser um fator importante para distinguir aqueles indivíduos que realizam o seu próprio potencial daqueles que vivem eternos dependentes em frustração dos seus instintos de crescimento e evolução.

Por volta de 1870, os espaços onde se educava as crianças pequenas começaram a ser chamados de Jardim de Infância. Jardim passa a ideia de cultivo, pois para se ter um belo jardim é preciso uma série de preparações. Em um primeiro momento, escolhe-se um espaço, prepara-se a terra, cuidando para que tenha nutrientes, uma certa umidade, que seja fofo, tenha boa drenagem. Depois, as sementes cuidadosamente são colocadas nesta terra preparada, com espaço entre elas. Neste ponto, entram outras condições: No início, elas precisam de cuidados diários, controle de umidade, calor, iluminação. Com o tempo, estas sementes vão quebrando a dormência e começam a romper a casca e projetar suas raízes, metabolizando os nutrientes da terra para ganhar força e forma e começar a lançar o caule e folhas.

A preparação da terra é tão necessária quanto o cuidado das sementes plantadas. Os adultos, e o ambiente em que vivem, são a terra em que as crianças serão cultivadas. Cada uma tem um potencial próprio, com capacidade de metabolizar o ambiente a sua volta, ampliando e fortalecendo o seu potencial. Assim como uma semente de bergamota só poderá crescer e desenvolver uma árvore de bergamota, cada criança pode desenvolver o seu projeto, e não o projeto da mãe, da professora, ou do colega. Cada uma é única e cumpre um papel



importante na natureza. Algumas têm facilidade para performar nos processos de ensino-aprendizagem de matemática, outras em socializar, outras em habilidades musicais,...

Segundo Meneghetti (2014, p 32), “A criança até o sexto mês permanece, mesmo sendo um corpo externo, *simbiotizado psicologicamente com o adulto-mãe*, ou com o exercitante da sua nutrição, no mesmo nível de quando estava dentro do útero”. A criança ainda não se percebe enquanto ser individual, acredita ser continuidade do adulto-mãe, aquele adulto que o nutre biológica e psicologicamente. Assim, a terra precisa ser fértil, é necessário que a mãe cuide bem de si mesma para que seu fruto seja saudável.

A tendência natural é que, quando a criança vá se desenvolvendo, ela comece a perceber seus próprios contornos; sentir-se e ver-se como alguém que não é a mãe. Vai criando consciência de si, se distinguindo da mãe, e começa a demonstrar mais as suas vontades, os seus sentimentos, diferente de antes, quando sentia em conjunto com a mãe e a partir do filtro de olhar e percepção que ela mediava. A criança aprende o próprio corpo a partir dos seus movimentos. Em torno dos dois anos de idade, isso se torna mais forte: As crianças começam a ir contra as decisões dos pais, pois sentem necessidade de formar e fortalecer a sua personalidade. O fato de a criança dizer o “não” nesta fase, tende a manifestar, por exemplo, uma demanda bem individual dela. É como se dissesse: - “Eu sou diferente de você”.

Nesta fase muitos conflitos são gerados entre os adultos e as crianças, o “não” da criança precisa ser respeitado, porém, em algumas situações o adulto precisa se posicionar com a criança, como ela ainda não tem experiência de vida, por vezes não sabe distinguir questões que podem coloca-la em situação de risco, em que possa se machucar, machucar outras pessoas, animais ou ainda danificar o meio em que ela está inserida, como quebrar algo de valor, ou desperdiçar recursos importantes.

Para o adulto conseguir respeitar a criança, precisa lembrar que a criança diz o “não” não para confrontá-lo, nem para magoá-lo, ela o faz por simples vontade de se afirmar, assim, é importante não sentir raiva da criança que não obedece, ou que nos atrasa para aquele compromisso importante porque não concorda com a roupa que queríamos que ela vestisse. É preciso muita calma,



explicar o motivo das coisas solicitadas a ela e também dar opções simples para que ela possa escolher em vez de negar a única opção que damos para ela.

A criança também necessita de mais espaço, não somente físico, mas também psicológico, fazer as suas escolhas, principalmente no que diz respeito ao seu corpo, como alimentação, roupas, e, sempre que possível, ter espaços que sejam respeitados como seus, compreendendo que com o tempo vai adquirir experiência de vida para poder fazer cada vez mais as suas escolhas de forma madura, percebendo que suas escolhas impactam também na vida das pessoas do seu convívio.

2. ADULTO PREPARADO

É de costume preparar-se para os acontecimentos: para os estudos, para um determinado trabalho, para uma mudança de casa, para receber uma visita e assim por diante. Com a chegada de uma criança, não é diferente, mais ainda é preciso se organizar, para estar em condições adequadas para esta mudança na vida. Muitas mudanças ocorrem-na vida da mãe, para que se torne aquela que acompanha e auxilia o desenvolvimento de outro ser. Por um período de tempo todo o seu corpo, incluindo o seu psicológico, se prepara para prover aquela criança e somente aquela criança, é impossível para a mulher não se dedicar ao próprio filho nos primeiros meses de vida. Na mulher, depois da gravidez, nasce primeiro a mãe, que depois com o tempo precisa lembrar novamente de ser mulher.

Maria Montessori (sem ano, p. 40) considera “A imagem da criança como embrião espiritual que está ganhando forma acorda-nos impondo novas responsabilidades” e continua falando sobre a necessidade de mudança por parte dos adultos, fala da importância de esta criança nos inspirar respeito.

A criança tenta se adequar para ser semelhante à pessoa que representa maior valor para ela. “Somente os filhos que crescem em um sadio egoísmo de casal serão pessoas auto realizadas, porque a primeira educação que receberam foi aquela da alegria e de como buscá-la” (MENEGETTI, 2014, p. 26). Assim, buscam imitar aquele adulto que consideram ser o mais bem-sucedido na vida, sucesso no sentido de evolução e crescimento do próprio projeto de vida, daquela



virtualidade única sua, o seu Em Si ôntico. O autor ainda define a palavra egoísmo, no Dicionário de Ontopsicologia (p.82), como sendo o “...que estabelece a lógica vital da unidade de ação”, é o que indica as nossas ações de maior vitalidade e crescimento, de acordo com nosso potencial pessoal.

A mulher, quando tem filhos, se torna mãe, lembra só de ser mãe, e muitas vezes acaba esquecendo que é mulher, que é pessoa e que existe e tem necessidades muito antes de ter um filho. Por isso, indica-se que o pai, e principalmente a mãe, busquem, em primeiro lugar, realizar a si mesmos, buscar a sua felicidade e crescimento pessoal, pois só assim ensinarão a nova criança a buscar a sua realização. Só é possível auxiliar a nova vida se primeiro o adulto estiver bem consigo. O adulto bem resolvido sabe se posicionar com a criança, lembrando que ele é o adulto da relação, que tem experiência de vida e que pode auxiliar a criança no seu desenvolvimento. O adulto quando está feliz não se sente afrontado pela criança quando esta faz birras ou diz não para coisas importantes, sabe separar as emoções da criança das suas e conversar com calma para resolver as situações de conflito.

A criança não se sente insegura quando os pais trabalham, ela se sente insegura quando sente a rejeição. É recomendado ao adulto que seja sincero com a criança com relação as suas emoções, converse com a criança sobre como se sente, e verbalize seus sentimentos, pois isso auxilia a criança a compreender a si mesma, aprendendo a nomear o que está sentindo e desenvolvendo maior clareza dos seus sentimentos.

Muito mais do que as palavras que os adultos falam, a criança compreende dentro dela aquilo que percebe que eles estão sentindo. Meneghetti descobriu uma forma de comunicação que é anterior à fala, e ele a chama de Campo Semântico, que no Dicionário de Ontopsicologia (2012, p. 38) define como “...*comunicação base que a vida usa no interior das próprias individualizações*”. Essa comunicação ocorre o tempo todo e é por meio dela que se aprende na primeira infância, prioritariamente. A criança recebe a informação que o adulto transmite, muitas vezes inconsciente, e quando esta informação é contraditória ao que o adulto fala, a criança percebe. A emissão e recepção de informações é constante, não para, porém como é inconsciente, nem sempre percebemos. Informamos, comunicamos e recebemos constantemente.



No Manual de Ontopsicologia, Meneghetti (2010, p.183) escreve que “O campo semântico é qualquer mediação de informação: *é um transdutor de informação*” O campo semântico é anterior a comunicação verbal, não necessita desses códigos para comunicar. É uma informação que estrutura em emoção o outro. Através desta forma de comunicação pode-se saber sobre como o outro é e está, muito antes de ouvir o outro falar. Assim, a preparação do adulto é de fundamental importância para o bom desenvolvimento infantil, o adulto precisa estar bem, feliz, em sintonia com seu ponto de vitalidade, do contrário, a criança sofre junto com o adulto. Antes de falar com uma criança, é preciso saber como se está, o que se está sentindo, para, a partir de si mesmo, poder distinguir e saber como a criança está.

A criança é um ser humano dotado de potencial, e não uma folha em branco, ou alguém que se pode moldar da forma como o adulto gostaria. Ela não veio ao mundo para realizar aquilo que os pais sonharam e não conseguiram, elas não têm os mesmos sonhos e objetivos que os pais. Querem viver a própria vida, o seu potencial, os seus sonhos, aquilo que é da sua natureza. Assim, deve ser respeitada, como ser humano dotado de capacidade para se construir, para vencer.

Respeitar esta criança significa estabelecer limites entre o que é o adulto e o que é a criança, saber quais são os sonhos do adulto e quais são os da criança, mesmo que estes possam convergir ou divergir. Respeitar é entender que o corpo da criança é dela, por mais que tenha sido gerado pelos adultos, é se abaixar na altura da criança para falar com ela; é pedir licença, mesmo que seja com um olhar, para tocar na criança quando vai vestir, auxiliar na higiene, abraçar e erguer no colo. Estabelecer o limite entre o meu corpo e o corpo da criança para não ocupá-la com minhas vontades.

3. A CRIANÇA COMO PROJETO DE NATUREZA

Quando se é professor em uma escola, a cada início de ano, se recebem várias crianças, muitas vezes não se reconhece de primeira qual é o potencial de cada uma, é preciso de tempo e muita observação atenta, pois cada criança



necessita de condições diferentes para se desenvolver. Os pais, semelhante aos professores, também não sabem o que virá desta criança que geraram, projetam o que seria o filho ideal, ou esperam que seja igual a outra criança, moldam a criança com base em vários estereótipos, colocando uma ideia que vem carregada de formas, de modelos de como a criança vai se enxergar, de como precisa se comportar, sem dar flexibilidade para fazer ou ser diferente. Fazem isso na melhor das intenções, querem que o seu filho seja o melhor entre todos.

Porém, a criança que os adultos esperam surpreende com um potencial único, que é só seu, e irrepetível. Os estereótipos por si não são negativos, porém quando são rígidos dificultam o crescimento, rotulam a criança, abafam o desenvolvimento do seu potencial. Meneghetti (2012, p. 99) escreve sobre estereótipo: “Um modelo de comportamento geral que se faz referência de outros semelhantes e que se torna valor de apoio para individuar segurança e razão dialética com a sociedade.”. A tendência a repetir os mesmos modelos pode tirar a possibilidade de experimentar outras formas de comportamento. O melhor a se esperar de uma criança é que cresça saudável e desenvolva seu potencial de forma aberta e criativa.

Uma das descobertas da Ontopsicologia é o Em Si ôntico, que Meneghetti (2012, p.84) define como o “Projeto-base de natureza que constitui o ser humano.”. Seguir o próprio projeto é o que garante a nossa autorrealização. Uma das características do Em Si ôntico, segundo Meneghetti (2012, p.90) é ser “Criativo: é um projeto aberto no fazer a si mesmo infinitamente”. Está sempre expandindo para em forma de novidade.

No Manual de Ontopsicologia, Meneghetti (2010) escreve que “natureza” é tudo o que nasce da ação da vida”. Buscar realizar o meu potencial é estar de acordo com o que a vida me projetou. Não se pode ir contra o potencial de uma criança, a responsabilidade dos adultos de referência, que acompanham o crescimento desta criança é observar os caminhos que ela vai buscando, as direções em que o seu potencial aponta para o crescimento e evolução, e facilitar estes caminhos, pois “Ele constitui o critério base da identidade do indivíduo, seja como pessoa, seja como realização.” (MENEGETTI, 2010, p. 219).

Outra estrutura que forma a personalidade nos seres humanos é chamada por Meneghetti (2012, p. 108) de “Eu lógico-histórico” ou “Eu voluntarístico



pensante” que “É o ponto onde acontece a tomada de consciência, de responsabilidade, de voluntarismo, de racionalidade.” É o Eu lógico-histórico que toma as decisões no aqui e agora, que decide a cada momento se vai seguir as exigências do seu Em Si ôntico ou as exigências externas. Os processos de educação têm o papel de favorecer a criança nas tomadas de decisão em conformidade ao seu potencial natural. Não é indicado ser uma educação igual para todos, a grande riqueza de cada criança é o fato de ser única, de possuir um potencial que é só seu que a leva à realização.

Uma das formas de facilitar a relação com a criança é atentar-se para o fato de que cada indivíduo é diferente, já se nasce com um temperamento. Para Meneghetti (2014, p. 32) “...é um pré-constituído base, de preferencialidade acerca da experiência do mundo, dado antes do nascimento, algo que emana como específico do conjunto psicorgânico do sujeito”. Temperamento é algo que já é constituído antes mesmo do nascimento, não se altera com o passar do tempo, porém conhecendo-o é possível saber mais e lidar melhor com as necessidades da criança, a forma como trata-la, como conversar com ela, a forma como ela costuma reagir. Conhecendo melhor a criança, torna-se mais fácil auxiliá-la para que busque as melhores formas de desenvolver a sua autonomia

4. AUTONOMIA DA CRIANÇA

Uma criança pequena ainda não é autônoma, mas ela necessita ser educada para que um dia consiga ser. Autonomia para Meneghetti (2014, p. 26) é um indivíduo capaz de se realizar sozinho, é aquele capaz de toda a força para fazer sozinho e saber desenvolver as suas próprias exigências. No início, a criança precisa que o adulto mãe que lhe dê nutrição, cuide da sua higiene, e lhe dê amor, mas também necessita que o adulto lhe dê espaço para aprender a fazer por si mesmo. Maria Montessori (sem ano) fala que as crianças nascem com vontade de explorar, de descobrir e de aprender a partir das próprias experiências, e para isso é essencial que o adulto proporcione um ambiente que a permita, de acordo com as suas necessidades e condições, fazer por ela mesma.



A autonomia se conquista passo a passo, conforme se observa uma criança pequena, percebe-se o que o corpo dela está pedindo com maior força em cada momento. Pude observar, a partir da minha experiência de trabalho com crianças de 6 meses a 1 ano, que, no início da existência, ainda bebês, a relação com a água é muito grande, os bebês saem da barriga da mãe onde estavam mergulhados em um líquido amniótico, que protegia e aquecia, assim, já tem relação com a água. Observando os bebês em meu trabalho em uma escola montessoriana, pude notar que praticamente todos costumam gostar de brincar com bacias de água, e, tão logo sentam, já querem versar líquidos entre recipientes e levar à boca para tentar beber sozinhos, em um primeiro momento viram no chão quase tudo, mas é o ato de tentar que faz com que refinem seus movimentos até chegar a precisão. Do mesmo modo, fazem com a comida, primeiro agarrando com as mãos e depois tentando manipular instrumentos como a colher. Eles também demonstram gostar de participar de atos como o de vestir e tirar as suas roupas, se movimentar pelos espaços, e imitar vários gestos e expressões dos adultos.

A mão é um instrumento que a criança usa para se apropriar do mundo ao seu redor, para sentir, para medir, e para desenvolvê-la é importante deixar a criança usá-las, para agarrar objetos, para puxar, para levar comida e brinquedos até a boca, para sentir texturas. Maria Montessori (sem ano, p. 130) escreve que “Graças as mãos que têm acompanhado a inteligência, foi criada a civilização. A mão é o órgão deste imenso tesouro dado ao homem.” Seguindo no seu texto se refere às mãos como muito importantes para o maior desenvolvimento da inteligência da criança, que sem usá-las, ficaria limitada.

O desenvolvimento da fala também se dá por uma brincadeira, a criança vai experimentar e se diverte imitando sons e testando o que consegue produzir: é primordial que os adultos cantem, falem pausada e corretamente com a criança, para que ela vá aprendendo a entonação e a sonoridade que possuem as palavras. Também é indicado que se fale de frente e na altura da criança, não só para que ela aprenda os movimentos da boca e da língua, mas também para que se sinta conduzida, mas não oprimida por quem se reporta a ela de cima para baixo.



A criança, nas suas tentativas, vai testando sons, movimentos da boca e assim se comunicando para além do choro. Se o adulto falar por ela toda a vez que apontar algo, possivelmente ela vai usar pouco as palavras. E, se repetir sua fala incorreta, ou rir dela, irá aprender que aquele é o modo correto, e depois, em confronto com a sociedade, principalmente no ambiente escolar, poderá ter grandes dificuldades em se comunicar com crianças e com outros adultos. Este é um motivo bastante comum da não-adaptação das crianças à escola, assim como na dificuldade de aprenderem a ir no banheiro, ou tirar o seu casaco. Essa situação pode se tornar mais complexa quando ainda não conhecem algum adulto que compõe o corpo docente da escola, e assim, não confiam suficientemente na professora, para chama-la em busca de ajuda.

Conforme vão crescendo, suas vontades de fazer por si mesmas crescem junto, e as crianças vão negando a “ajuda” que os pais oferecem, querem primeiro tentar sozinhos, e isso lhes garante que sua dignidade não seja ferida. O adulto, quando não dá esse espaço, costuma fazê-lo por não acreditar que as crianças conseguirão obter resultado a partir do próprio esforço e da própria tentativa. Caso o adulto não dê a oportunidade da tentativa, as crianças tendem a sentir-se desmotivadas, incapazes, e vão deixando de acreditar e de tentar realizar outras coisas que poderiam fazer.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em diversos marcos de desenvolvimento ou amadurecimento, a natureza pede uma forma de fazer para crescer, uma forma que, em detalhes, é diferente para cada um, mas que enquanto humanos, temos semelhanças. Busquei orientar as questões que são comuns a todas as crianças, sem desconsiderar as especificações de cada um.

É essencial a necessidade de muita atenção nos primeiros anos de vida, pois neles constitui-se a base para a formação da personalidade das crianças. A forma como se estabelece a relação da criança com o adulto-mãe, pode ser muito importante para a forma como a criança fará suas escolhas e estabelecerá suas relações futuras, ao longo da existência.



O adulto pode, portanto, operar como um auxílio ao Eu lógico histórico da criança, que está sendo formado durante a infância, oportunizando que ela realize pequenas tarefas, como se movimentar no chão, em vez de ficar só no colo, colocando barbantes nos objetos próximos a ela, para que possa puxar para si enquanto ainda não consegue se locomover, por exemplo. Também é recomendado que se deixe que ela pegue os alimentos com as mãos e tente se alimentar sozinha. Ou seja, antes de auxiliar, é indicado observar o que as crianças querem tentar fazer e permitir ou desafia-la, na medida em que não ofereça risco para ela.

Conforme vão crescendo, as necessidades evoluem, e a criança pode realizar tarefas mais complexas, como começar a se vestir, limpar-se com um lençinho depois de o adulto limpar uma parte, arrumar a própria cama, guardar os brinquedos, colocar seu prato na mesa e retirá-lo, servir o seu prato, secar o chão quando derrama líquidos, lavar frutas, usar grampos de roupa, e muitas outras tarefas que ela vai demonstrar interesse em realizar.

Assim, fazendo por elas mesmas, tenderão a não se tornar dependentes dos outros, a acreditar no próprio potencial e a aperfeiçoar e melhorar em tudo o que forem realizar, conforme empreendem as várias tentativas. Antes de dizer que não sabem ou não conseguem, elas falarão: - “Deixa eu tentar”.

As crianças não precisam de grandes coisas para se desenvolver, elas necessitam, mais do que tudo, de observação atenta da parte dos adultos, que, mais do que ajudar, é vital em primeiro lugar não atrapalhar os seus movimentos e impulsos rumo ao crescimento.

Não é indicado ao adulto corrigir uma criança se está se sentindo com raiva ou frustrados, pois assim corre o risco de transferir a sua frustração para a criança. O melhor a fazer é respirar fundo, dar-se um tempo para acalmar e depois conversar com a criança.

Também não se recomenda impor as regras sociais como prioritárias na vida da criança. As regras sociais mudam para cada sociedade, são criadas para estabelecer formas de melhor convivência entre as pessoas. À criança é essencial aprendê-las como uma forma de vantagem para si, como algo que é indicado seguir, mas precisa ser relativizado, conhecer o propósito das regras, e nunca colocá-las acima do seu Em Si.



O Adulto-mãe, grande referência de valor na vida da criança, tem o papel de ser um observador atento, facilitador da aprendizagem dos caminhos de maior desenvolvimento do potencial que a criança carrega no seu íntimo. Tem o papel de se conhecer, cuidar e desenvolver primeiramente de si mesmo, garantindo sua saúde, sua autorrealização para ser modelo a ser seguido pela criança.



REFERÊNCIAS

MENEGHETTI, Antonio. **Dicionário de Ontopsicologia**. 2ª ed. rev. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2012.

MENEGHETTI, Antonio. **Manual de Ontopsicologia**. 4ª ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2010.

MENEGHETTI, Antonio. **Pedagogia Ontopsicológica**. 3ª ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2014.

MONTESSORI, M. **A criança**. Título original: **Il segreto dell' infanzia**. 3ª ed. Internacional Portugália Editora. Sem ano.

MONTESSORI, M. **Mente absorvente**. Título original: **La mente del bambino**. 2ª ed. Internacional Portugália Editora. Sem ano.